

Reinvenção dos semiáridos nordestinos: da voz do falo aos corpos falantes

Erika Jane Ribeiro e Ana Paula Garcia
Boscatti

Erika Jane Ribeiro

Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, BA,
Brasil

E-mail: erikapokpok@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7858-0605>

Ana Paula Garcia Boscatti

Universidade Federal da Bahia – Salvador, BA, Brasil

E-mail: anapaulagarciab@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8463-4099>

Resumo: Este artigo nasce da confluência de inquietudes em torno da imposição de papéis sociais e modelos comportamentais aos sujeitos nordestinos, por meio de uma perspectiva hegemônica de masculinidade e do ideal de macheza. Valendo-se de uma abordagem interseccional de natureza interpretativista, ancorada nos estudos sobre performatividade de gênero, o presente artigo dialoga com o filme “Bacurau” (2019) e outros escritos produzidos, também, por autoras e autores nordestinos. Além disso, entrecruza análises de textos literários, fotografias, filmes, letras de canções e abordagens teóricas, propondo discutir as representações dos sujeitos nordestinos e tensionar as concepções binárias de “cabra macho” e “mulher macho” a partir de uma perspectiva fluida das construções de gênero. Assim, a partir das análises aqui tecidas, observou-se a proliferação de outras representações epistemológicas, artísticas e literárias que provocam a reinvenção do perfil de nordestinidade, acolhendo outras possibilidades de masculinidades, para além da macheza imposta ao homem nordestino.

Palavras-chave: Masculinidades; Nordeste; discurso dominante; heteronormatividade.

Artigo recebido em 13 de março de 2025 e aprovado para
publicação em 12 de outubro de 2025

DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.2025.18.43.10511>

Reinventing the Northeastern semi-arid region: from the voice of the phallus to speaking bodies

Abstract: This article emerges from the convergence of concerns regarding the imposition of social roles and behavioral models on Northeastern Brazilian subjects, grounded in a hegemonic perspective of masculinity and the ideal of *macheza*. Drawing on an intersectional and interpretivist approach, anchored in studies on gender performativity, the article dialogues with the film “Bacurau” (2019) and other works produced by Northeastern authors. It also interweaves analyses of literary texts, photographs, films, song lyrics, and theoretical frameworks, aiming to discuss representations of Northeastern subjects and to challenge the binary conceptions of the “macho man” and the “macho woman” from a fluid perspective on gender constructions. Based on the analyses developed herein, we observe the proliferation of alternative epistemological, artistic, and literary representations that provoke a reinvention of Northeastern identity, embracing other possibilities of masculinities beyond the macho ideal imposed on Northeastern men.

Keywords: Masculinities; Northeast; dominant discourse; heteronormativity.

Reinvención del semiárido nordestino: de la voz del falo a los cuerpos hablantes

Resumen: Este artículo surge de la confluencia de inquietudes en torno a la imposición de roles sociales y modelos de comportamiento a los sujetos nordestinos, a partir de una perspectiva hegemónica de la masculinidad y del ideal de la *macheza*. Desde un enfoque interseccional de carácter interpretativista, anclado en los estudios sobre la performatividad de género, el artículo dialoga con la película “Bacurau” (2019) y con otros escritos producidos por autoras y autores del Nordeste, y entrecruza análisis de textos literarios, fotografías, películas, letras de canciones y marcos teóricos. Se propone discutir las representaciones de los sujetos nordestinos y tensionar las concepciones binarias de “hombre macho” y “mujer macho” desde una perspectiva fluida de las construcciones de género. Así, a partir de los análisis aquí desarrollados, se observa la proliferación de otras representaciones —epistemológicas, artísticas y literarias— que provocan la reinención del perfil de la nordestinidad, acogiendo otras posibilidades de masculinidades más allá de la *macheza* impuesta al hombre nordestino.

Palabras clave: Masculinidades; Nordeste; discurso dominante; heteronormatividad.

Caçando conversa: digressões primeiras em torno das ideias de “cabra macho” e “mulher macho”

A movência das inquietações que transportam palavras e reflexões para a escrita deste texto foi sendo fortalecida a partir das leituras de Albuquerque Júnior (2013), Butler (2019), Connel e Messerschmidt (2013), Haddock Lobo (2016), Preciado (2014) e Wittig (2022), em diálogo com o filme “Bacurau” (2019) e outros escritos produzidos, também, por autoras e autores nordestinos, com os quais repartimos o incômodo generalizado em torno da hegemônica naturalização de papéis sociais e modelos comportamentais designados aos sujeitos nordestinos, pelas mais variadas vias de dominação, inclusive as discursivas. Dito de outro modo, por meio das reflexões que aqui serão suscitadas, as concepções artísticas, discursivas e teóricas contra-hegemônicas alinhavam-se às indagações que nos atravessam e confrontam a idealização dos perfis inventados dos sujeitos e espaços nordestinos ao longo dos séculos.

Desse modo, valendo-se de uma abordagem interseccional, de natureza interpretativista, que entrecruza análises de textos literários, fotografias, filmes, letras de canções e abordagens teóricas, este artigo se propõe a discutir as representações dos sujeitos nordestinos, bem como do Nordeste, tensionando as concepções binárias de “cabra macho” e “mulher macho”, a partir de uma perspectiva fluida e plural das construções de gênero.

Partindo de um contexto em que representações estereotipadas e limitantes do Nordeste e seu povo são repetidas e reforçadas por produções artísticas, literárias, midiáticas e até educacionais, também é possível identificar, nelas, prosopopeias de dominação patriarcal que assombram, inclusive, espaços geográficos e territórios – incluindo-se aqui os territórios históricos, políticos, econômicos e culturais – onde até a “Paraíba é masculina e mulher macho, sim senhor!”:

Quando a ribaçã de sede
Bateu asa e voou
Foi aí que eu vim me embora
Carregando a minha dor
Hoje eu mando um abraço
Pra ti, pequenina
Paraíba masculina
Muié macho, sim sinhô (Gonzaga; Texeira, 20-- [1952]).

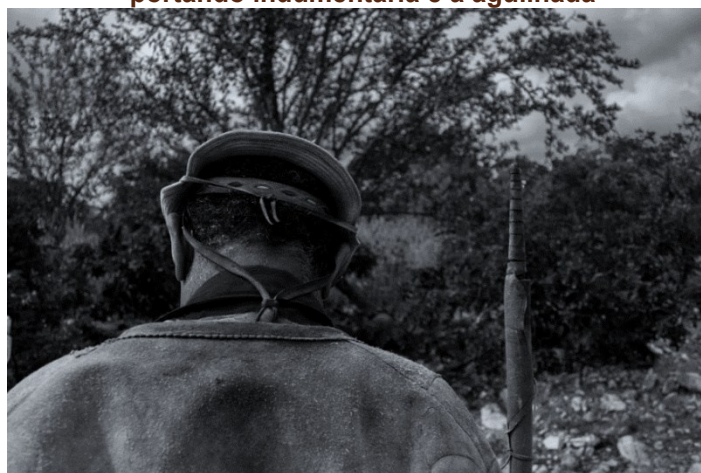
Esses versos da canção “Paraíba”, composta por Gonzaga e Teixeira (20-- [1952]), abrem, aqui, os primeiros movimentos reflexivos em torno da invenção do nordestino (Albuquerque Júnior, 2013) como sujeito exclusivamente masculino, cujo vigor e potência existencial ancoram-se no poder do falo: tão ereto, pontiagudo e violento como as facas, facões, canivetes, lebankas – ferramentas em barra de ferro, compridas e pontiagudas, utilizadas para perfurar o solo; também conhecidas como levancas – e aguilhadas, que são instrumentos perfurantes de ferro, utilizados pelos vaqueiros para perfurar e controlar, pela dor, os bois durante a pega em meio à Caatinga, também chamados de guiada. Tais representações garantem a valentia, virilidade, força e brutalidade desse perfil inventado pelos discursos dominantes, mesmo que se encontre afastado do seu território originário, em virtude da seca.

Muito embora esteja atrelada ao cenário sociopolítico paraibano da época, fazendo referência à força do estado da Paraíba, por ser um dos primeiros estados brasileiros a iniciar a Revolução de 1930

(Fechine; Almeida, 2019), a canção “Paraíba” apresenta a expressão “macho” como a garantidora dessa força e vigor da figura masculina, como se a Paraíba, “pequenina” em sua singularidade, não fosse capaz de toda potência e resistência. Nesse sentido, Judith Butler (2019) nos ajuda a refletir sobre os simbolismos falocêntricos, ao destacar que o falo também opera um significante dominante e privilegiado que parece controlar as significações que ele produz, função exercida pelo adjetivo macho, na canção em tela. Assim como o falo, outras partes do corpo se tornam os símbolos para as funções de centralização e regulação da imagem corporal. Ainda segundo a autora, é central que certos órgãos estejam relacionados na dinâmica narcísica, visto que ela estrutura ao mesmo tempo a relação do eu ao outro e a constituição do mundo dos objetos (Butler, 2019).

Também no campo das representações artísticas, a fotografia abaixo (Imagem 1) demonstra como os próprios sujeitos dessa invenção são condicionados, por séculos, a performatizar um perfil de valentia e destemor, numa perspectiva de penetração dos recônditos da Caatinga e dominação do gado, apoiados no uso de instrumentos de labuta, reforçando assim “signos de nordestinidade” (Paiva, 2014) que robustecem estereótipias. Na referida imagem, é a representação fálica e vigorosa da aguilhada que reforça a masculinidade e o destemor do vaqueiro que se embrenha pela Caatinga, sem que identifiquemos nele os traços mais subjetivos da sua identidade. De costas, cabeça levemente inclinada, corpo envolto pela indumentária de couro, ele é “um vaqueiro”, sujeito genérico, um homem nordestino performando uma masculinidade hegemônica, endurecida pelas circunstâncias do seu labor, em um espaço tradicionalmente comandado e ocupado por homens, reforçando assim a determinação de lugares e papéis sociais a partir das demarcações binárias de gênero.

Imagem 1: Vaqueiro residente no interior do município de Uauá (BA), prestes a adentrar a Caatinga, portando indumentária e a aguilhada



Fonte: Rodrigues (2021, s.p.).

Desse modo, as concepções de “cabra macho” e “mulher macho”, concebidas como referencial compulsório de potência, são utilizadas não só como um lugar de enunciação determinado, marcado pela hegemonia discursiva branco-ocidental (Mombaça, 2021), mas também como marcadores identitários de homens e mulheres nordestinas, reduzidas à macheza e inflexibilidade genéricas. Assim como a definição de nordestino é uma invenção que aparece, inicialmente, nas primeiras décadas do século XX, com a

função de designar uma determinada identidade regional a partir do discurso das elites (Albuquerque Júnior, 2013), as denominações de “cabra macho” e “mulher macho” também são inventos que visam acentuar o ideário de valentia e brutalidade desses sujeitos, associando-os à hostilidade também atribuída à Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro.

Ainda numa perspectiva de invenção de conceitos e categorias limitadas, destacamos que a heterossexualidade como sexualidade “certa” é, de igual modo, uma construção/invenção que se ancora em binarismos que determinam subjugamentos, pois ela se encontra no centro das regulações de gênero. Porém, essa é uma construção histórica e cultural recente (Katz, 1996), pois inicialmente a heterossexualidade era compreendida como uma categoria médica, uma perversão, passando a sofrer, posteriormente, influências do poder regulador. Ao tratar dessa invenção, Jonathan Katz (1996, p. 24) se posiciona assim: “Eu falo sobre a invenção histórica da heterossexualidade para contestar diretamente a nossa admissão comum da hipótese de que a heterossexualidade é eterna, para sugerir o status histórico relativo e instável de uma ideia e uma sexualidade que geralmente supomos que foram há muito tempo esculpidas em pedra”.

Sendo a heterossexualidade, com seus papéis delimitados binariamente, construída como norma universal, toda sexualidade que escape de suas regulações é subjugada e perseguida. Desse modo, de acordo com essa lógica binária e limitante que designa lugares de poder e dominação, o sujeito nordestino que não se enquadre nos perfis de cabra macho e mulher macho é anulado, estando ao dispor dos mais parciais dispositivos punitivos, bem como da ridicularização e achincalhe público. Nessa construção reduzida à macheza, não cabem comportamentos complacentes e afetuosos, tipos físicos delicados e sexualidades dissidentes; é a celebração da brutalidade que favorece a dominação, pois – mesmo essa masculinidade atravessando homens [machos] e mulheres [machos] – não há espaço para os trânsitos e fluidez.

A respeito desses marcadores identitários que delimitam a sexualidade, Judith Butler (2019, p. 38) sinaliza ainda que “o ideal que se procura espelhar depende do próprio espelhamento entendido como ideal”, pois a construção simbólica de idealidade masculina conflagra-se a uma série de injunções normatizantes que fixam os limites e operam mediante a ameaça da abjeção e da impossibilidade psíquica de existir. Além do mais, ao longo do tempo, as tecnologias discursivas reiteram um processo de materialização que se estabiliza, a fim de produzir o efeito de demarcação, de fixidez e de superfície que Butler (2019) nomeia matéria. Logo, as masculinidades se materializam através de uma série de condicionamentos semióticos e técnicos.

É assim, alinhavando reflexões teóricas, majoritariamente contra-hegemônicas e vivências político-poéticas, que este texto confronta o conceito hegemônico – igualmente inventado – de masculinidade, firmado no falo e nas imposições cisheteropatriarcais, ao mesmo tempo em que apresenta manifestações ressignificadas dos ideais criados e robustecidos pelos discursos dominantes, sejam eles epistemológicos, acadêmicos ou midiáticos.

Arengas: costuras e arremates teóricos

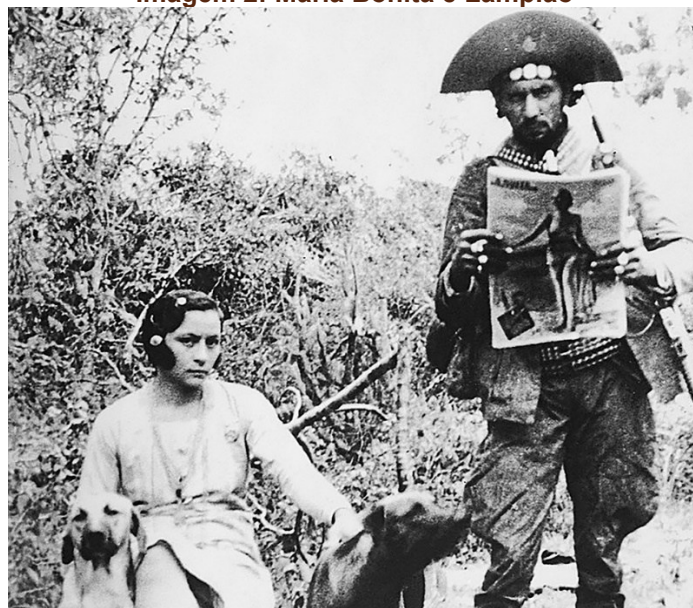
Partindo dos movimentos e arrelias primeiras, faz-se importante destacar que, ao longo dos tempos, outras figuras regionais históricas, igualmente masculinas, passaram a ser associadas, numa perspectiva reducionista, à denominação de nordestino, entre elas as representações do sertanejo, coronel, jagunço e cangaceiro, assim demarcando um lugar masculinizado, carregado de violência e rudez, no qual não se ousa incluir a mulher. Para que fosse de algum modo incluída nos perfis representativos de nordestinidade, a mulher precisaria apresentar traços e comportamentos que se enquadrassem no retrato idealizado de masculinização: “mulher macho, sim Senhor!”.

Essas mulheres macho constituem-se como um padrão determinado/determinante do que é ser mulher numa perspectiva universalizante que nega, sobretudo, suas subjetividades, reduzindo-as a uma paródia da figura masculina, que necessita da agressividade e da brutalidade para ter sua existência reconhecida. Entretanto, muito embora essas mulheres devessem abandonar traços de feminilidade para assim serem vistas e, supostamente, aceitas socialmente, isso não as isentava de críticas e estigmas. Ser “mulher macho”, nesse contexto, não garantia lugar para todas; as mulheres lésbicas não estão inseridas nessa representação e sequer eram reconhecidas como mulheres, a partir de uma lógica hegemônica, assentada no pensamento hétero (Wittig, 2022).

Dentre essas figuras que povoam o imaginário popular como mulheres macho nordestinas está Maria Bonita, esposa de Lampião, além de outras companheiras de cangaceiros da época. Porém, o enaltecimento da bravura e força dessas mulheres oculta e romantiza processos profundos de violência e dominação, não só pela performatização de masculinidade heroica, que representa a expressão da força, vigor, racionalidade e não manifestação das emoções, mas sobretudo pelos abusos e violências que sofriam, pois na maioria das vezes eram raptadas e estupradas, restando-lhes somente seguir seus algozes nas trilhas do Cangaço, onde também eram reprimidas (Negreiros, 2018).

Na fotografia abaixo (Imagem 2), na qual Maria Bonita e Lampião posam para o fotógrafo libanês Benjamim Abraão, há um deslocamento da costumeira representação desses sujeitos e da hierarquização dual que opõe homens e mulheres. Nessa imagem, eles assumem diferentes papéis, posto que Maria Bonita performa uma certa feminilidade que destoa da ideia de mulher macho a ela vinculada. Maria Bonita aparece sentada, com as mãos sobre dois cachorros – demonstrando vínculos afetivos –; e apesar de ser uma guerrilheira afamada, não está empunhando armas. Por outro lado, Lampião permanece de pé, exibindo armas e artefatos bélicos, assim performando o cabra macho corajoso, agressivo, que esbanja virilidade e reitera sua masculinidade por meio da enunciação implícita da heterossexualidade, ao expor a imagem da mulher em trajes de banho, no verso da revista “A noite ilustrada”, entre suas mãos (Negreiros, 2018).

Imagem 2: Maria Bonita e Lampião



Fonte: Abrahão (1937, s./p.).

As posturas corporais de Maria e Bonita e Lampião, na imagem acima, reforçam ainda a oposição e hierarquização dos papéis sociais, a partir da performatização de gênero. Judith Butler (2019) esclarece que performatividade/performatização de gênero se faz pela repetição de atos contínuos que são regulados pela normatividade. Ainda segundo a autora, “a performatividade deve ser entendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (Butler, 2019, p. 21). Portanto, é pela repetição de comportamentos que denotam virilidade, agressividade e hostilidade, e pela reiteração dos discursos nomeadores que os homens se reconhecem como nordestinos cabras machos e passam a julgar quais mulheres devem ser nomeadas mulheres machos.

Como já dito, essa performatização envolve a repetição de atos regulados pelos discursos dominantes, estando calcada numa espécie de binarismo que (re)produz a mulher como cópia do homem, robustecendo o ideal de masculinização hegemônica materializado pela norma cisheteropatriarcal. Para Bola (2020, p. 24), há um conjunto de “crenças rígidas e estereotipadas sobre a masculinidade” que não só impacta negativamente a vida de homens e mulheres, como também precisa ser confrontado. Logo, o fato de a mulher nordestina ser também vista a partir de uma masculinização hegemônica não lhe garante direitos iguais aos dos homens, sendo constantemente subjugada e explorada, assim como foi no Cangaço, muito embora as narrativas épicas e romantizadas tentem apagar a cruel misoginia que lá imperava. Para Judith Butler (2019, p. 29), não é suficiente afirmar que os seres humanos são construções, posto que há também produção sobre aquilo que é humano através de operação diferencial que produz “o mais ou menos humano, o inumano, o humanamente inconcebível”. Portanto, o espectro de feminilidades, no interior das práticas sociais e discursivas que regulam a construção de gênero, tende a ser operacionalizado entre polos positivo e negativo, na medida em que, invariavelmente, também estipula operações de diferenciação e desumanização.

Em sua obra “Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço”, Adriana Negreiros (2018, p. 50) desvela a naturalização dos estupros de jovens mulheres naquele contexto de violência e brutalidade, inclusive praticados pelo próprio Lampião, apesar de casado com Maria Bonita, o que reforça todo o machismo patente: “Virgulino tinha prazer intenso em ‘cobrir uma fêmea’, como se referia ao ato de estuprar uma mulher, enquanto ela chorava”.

Aqui, além da animalização identificada pelo verbo cobrir, utilizado para designar a cruz entre algumas espécies animais, e da naturalização da violência sexual como confirmação da virilidade e do poder do homem, “cabra macho”, é possível evidenciar um acréscimo de crueldade, perversidade e misoginia, quando o violentador se apraz do sofrimento da mulher. Nota-se que, no momento da violência sexual, a mulher perde a sua macheza e torna-se somente mulher subalternizada, objetificada e vilipendiada pela masculinidade violenta. Estrategicamente, as elites dominantes apossam-se dessa fama de virilidade e valentia para reafirmar a identidade masculina, agressiva, brutalizada e inculta do nordestino, que passa a figurar nos registros oficiais como representação universal – e estereotipada – do povo que vive no Nordeste brasileiro.

Os alinhavos tecidos até aqui demonstram que a ideia de macheza do nordestino transita pela construção de perfis identitários uniformizados, sobretudo de homens, mas também afeta mulheres e se ancora em um referencial de virilidade, ligado à força física, moral e sexual. Sobre essa perspectiva de virilidade, Bourdieu (1999, p. 20, grifos do autor) afirma que

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quidade do *vir*, *virtus*, questão de honra (*nif*), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual [...] que são esperadas de um homem que seja realmente um homem.

Assim, essa figura inventada do nordestino, esteada na virilidade física e moral, ainda é costumeiramente representada nas produções culturais, literárias, epistemológicas ou historiográficas, de modo a reafirmar o ideal de macheza. É essa (re)construção contínua dos discursos afirmativos da virilidade, força e brutalidade dos sujeitos nordestinos, que reforça os estigmas de “cabra macho” e “mulher macho”, reduzindo-os a representações binárias estereotipadas. Nesse sentido, Albuquerque Júnior (2013, p. 18) afirma que:

O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século. Figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região até as mulheres são macho, sim senhor! Na historiografia e sociologia regional, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos.

Assim, as figuras emblemáticas do “cabra macho” e da “mulher macho” como representativas do Nordeste e da história do seu povo foram, e ainda são, reforçadas na Literatura de Cordel, no Cinema, na Música e em outras representações culturais, apesar de robustecerem não só as estereotipias sobre

quem são e onde vivem, mas sobretudo legitimarem esse lugar de subalternia e subdesenvolvimento, onde a força física bruta é o único atributo visto desses sujeitos. Sendo assim, ao destacarem a masculinidade extremada e toda a brutalidade que dela escorre, esses produtos culturais avigoram o discurso dominante e colonizador sobre nordestinos e o chão em que produzem suas existências plurais, anulando todo e qualquer potencial criativo e intelectual desses indivíduos.

Figuras como o jagunço, o cangaceiro, o coronel e o retirante, sempre destacadas com armas em punho, são comuns nos produtos culturais marcados pela regionalidade limitante. É a reprodução e repetição de imagens reducionistas forjadas na exploração e espetacularização da miséria, violência e rudeza o que também garante a hegemonia dos discursos e representações. A filósofa transfeminista mexicana Sayak Valencia Triana (2014), ao discutir os impactos do neoliberalismo e capitalismo generalizado como exploradores da violência em determinados territórios, destaca que a violência se torna lucrativa dentro da lógica da economia capitalista. Para ela, esses processos que buscam modificar contextos envolvendo situações de vulnerabilidade ou subalternidade na possibilidade de ação e autopoder constituem-se como “necroempoderamento” (Triana, 2014).

No filme “Bacurau” (2019), de Kleber Mendonça, o personagem Lunga, embora rompa, em certa medida, com as estereotipias reinantes em torno do homem nordestino (vaidade explícita, cabelo alongado e levemente descolorido nas pontas, unhas compridas e pintadas, vestes extravagantes, uso de colares, pulseiras e anéis que se misturam a uma peixeira¹ amolada), ainda confirma o perfil de brutalidade atrelado aos jagunços e cangaceiros, mas sem intentar sobrepor o ideal de macheza ancorado na masculinidade hegemônica. Essa ruptura acontece, sobretudo, porque as representações construídas no discurso fílmico estão centradas na resistência popular diante das opressões e violências a que são submetidos, revertendo assim a lógica da economia capitalista, apontada por Triana (2014). Em “Bacurau” (2019), não são os sertanejos nordestinos que assumem o papel de assassinos sanguinários, mas sim os estrangeiros apoiados pelos poderosos locais, confrontando assim o imaginário social construído e repetido de rudez, violência e insensibilidade.

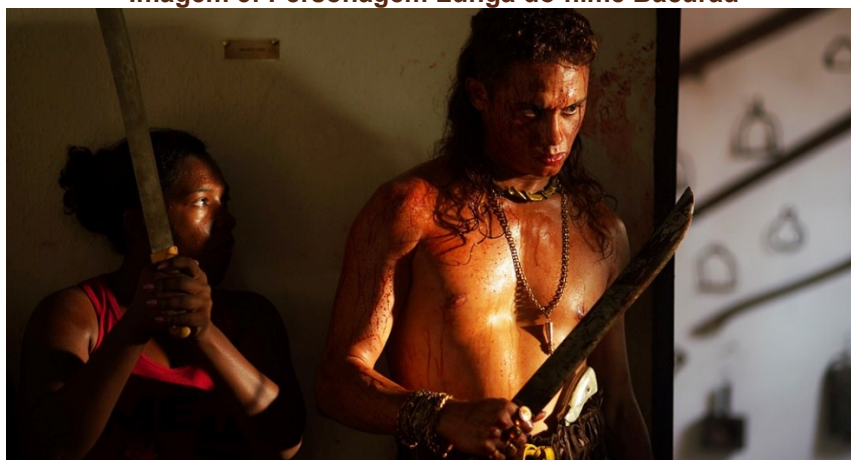
Ainda sobre os perfis construídos e propagados de nordestinidade, Lunga (Imagem 3), apesar de toda valentia e embrutecimento, não é propriamente um jagunço insensível, tanto pelo engajamento com a luta do seu povo e lugar, como por não obedecer a comandos dos dominadores. Lunga é, pois, um sujeito resistente, de identidade fluida, que luta pelo bem-estar da coletividade, contra o poderio dominante e sanguinário dos exploradores, que os veem como presa, meras peças desumanizadas de um jogo cruel.

Também nesta perspectiva de expansão da representatividade nordestina, especialmente em produções artísticas e culturais, destaca-se Iremar, personagem central do filme “Boi Neon” (2015), que promove uma ressignificação do perfil hegemônico de masculinidade, bem como da representação dos vaqueiros nordestinos, embora ainda carregue ranços de homofobia, enraizada no discurso hegemônico

¹ Arma branca de lâmina muito comprida e afiada, bastante utilizada no Sertão, seja para as atividades diárias ou defesa pessoal. O nome peixeira deriva da sua utilização no corte e limpeza de peixes.

de masculinidade. Tanto Iremar (um vaqueiro imerso nas atividades cotidianas de cuidar do gado, que não nega o inconformismo com o determinismo que lhe cerca, buscando a realização do seu sonho de trabalhar com a moda) como Galega (mulher caminhoneira, mãe que vive livremente sua sexualidade) constroem, na narrativa fílmica de “Boi Neon” (2015), caminhos de representações contra-hegemônicas dos homens e mulheres sertanejas, que já sinalizam uma transposição das determinações limitantes de “cabra macho” e “mulher macho”. Mais que produtos brutalizados e desprovidos de subjetividades – desenhados pelas normas da cisheteronormatividade que constrói esse ideal de masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo em que anula os desejos e potências das mulheres –, Iremar, Galega e Lunga são representações complexas dos sujeitos nordestinos, que, pela performatividade de gênero, escapam aos padrões binários de gênero, regulados pela cisheteronormatividade compulsória.

Imagem 3: Personagem Lunga do filme Bacurau



Fonte: Jucá (2019, s./p.).

Ainda analisando elementos simbólicos de masculinidade hegemônica e embrutecimento que cruzam a performance de gênero do personagem Lunga em “Bacurau” (2019), é possível evidenciar o paradoxo de subjetivação como assujeitamento (*assujétissement*), por meio do entrecruzamento dos estereótipos de gênero, e consequentemente de macheza, legitimados pelo imaginário coletivo e pela reelaboração do perfil de sujeito nordestino não essencializado. Pelo assujeitamento, o sujeito que resiste às normas que o oprimem é, ao mesmo tempo, habilitado e, muitas vezes, produzido pelas mesmas normas. Assim, Lunga tem sua performance de gênero construída a partir de uma perspectiva heteronormativa de braveza, o que também lhe autoriza a resistir. Para Butler (2019, p. 39), existe uma atuação repetitiva que se faz poder em razão de sua persistência e instabilidade:

A formação, a elaboração, a orientação, a circunscrição e a significação desse corpo sexuado não constituirão um conjunto de ações realizadas em conformidade com a dita lei; pelo contrário, elas serão um conjunto de ações mobilizadas pela lei, pela acumulação de citações ou referências e pela dissimulação da lei que produz efeitos materiais, tanto a necessidade ativa daqueles efeitos como a contestação ativa de tal necessidade. Processo de reiteração através do qual emergem tanto os “sujeitos” como seus “atos”.

Assim, muito embora “Bacurau” (2019) confronte a ideia estereotipada e, desde muito, disseminada de cabra macho, grosseiro e inculto por meio da figura dissidente de Lunga, que nos apresenta outras possibilidades de masculinidades, para além daquela sentenciada como única identidade do homem nordestino, é possível percebermos que o filme acaba por repetir as velhas máximas coloniais de povo bruto, violento. Todavia, a organização social, a consciência política e seu comportamento fronteiriço, manifestado nas vestimentas, adereços e estilização do corpo, bem como sua transgressão aos padrões e performatividade de gênero, acabam por abrandar os efeitos negativos desse imaginário de violência como única linguagem utilizada pelo povo nordestino, especialmente os homens. Portanto, reitera-se que – para aqueles que ainda dominam os discursos, a produção dos saberes legitimados, o fomento e o acesso aos bens culturais – o Nordeste continua sendo o lugar que deve ser extirpado do mapa, assim como ocorreu na localidade fictícia de Bacurau.

Ademais, a resistência e a potência de Lunga – e demais moradores de Bacurau – não se reduzem às garras da violência e brutalidade com as quais ele lida e que permeiam toda a obra, tampouco aos limites binários de gênero, sem que isso caricaturize o seu perfil. Quando retorna a Bacurau, Lunga transgredir as normas de gênero e de macheza imposta, sem que isso comprometa sua força e prestígio: “Que roupa é essa, menino?”, ao mesmo tempo que seu perfil feminino também é reconhecido: “Tá bonita!”. É que, como todo nascido em Bacurau, essa metáfora de Nordeste, Lunga é gente. Gente que não se limita às designações de macho e fêmea. Gente que produz, pensa, sente, resiste, cria e transgredir.

Retomando a discussão em torno do processo de invenção dos conceitos e posições sociais, evidencia-se que o Nordeste, esse espaço regional e cultural igualmente inventado, é também representado por discursos dominantes, que criam e fortalecem estereótipos como lugar de miserabilidade e aridez absoluta, como forma de hierarquização e colonização interna. Essa imagem do Nordeste – mais especificamente dos territórios semiáridos –, assim como do nordestino, foi sendo incutida como verdade absoluta e “natural” ao longo dos séculos, tanto por meio de uma pseudo-valorização da força e resistência, estampada nas narrativas e personagens carregadas de carência e valentia, como pelas vias do preconceito e da xenofobia explícitas. Desse modo, a brutalização e desumanização imposta pelas imagens e discursos carregados atribuídos ao nordestino facilitam, sobretudo, os processos de dominação, exploração e anulação a que são submetidos.

Paradoxalmente, enquanto esforçam-se para manter comportamentos e relações que evidenciem a sua valentia, virilidade e rudeza, esses homens e mulheres têm suas (re)ações e subjetividades reguladas por um conjunto de normas e discursos dominantes, tornando-se corpos dóceis e disciplinados (Foucault, 1999). Sobre essa questão, Foucault (1999, p. 118) afirma que “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

Isso posto, cabe indagar: a quem interessa e beneficia a invenção do nordestino nessa perspectiva masculina hegemônica, atravessada pela brutalidade, rudeza e inflexibilidade? Quem se apraz com a disponibilidade desse corpo nordestino masculinizado? Tais indagações requerem um olhar atento para os jogos de interesse e poder que permeiam a fomentação desses discursos dominantes e do

agenciamento de imagens reducionistas do Nordeste e do que ou de quem dele derivam. O processo de conformação com os perfis e representações imagéticas estereotipadas e reducionistas acaba por referendar dominações e anulações das subjetividades, dos saberes, das forças políticas e das produções culturais, inclusive literárias; por isso é fundamental subverter os lugares naturalizados e os discursos supostamente neutros.

Outras indagas e arrelias: para além das limitações do pensamento [cis]hétero[patriarcal]

O pensamento cisheteropatriarcal é um dos fomentadores da manutenção e fortalecimento de epistemologias e discursos dominantes acerca da constituição das subjetividades, sobretudo pela sua filiação às categorizações e binarismos que reduzem tanto os sujeitos quanto as suas experiências mais complexas a uma contestável naturalidade e limitação hegemônica. A convergência desses fatores promove processos de outremização como estratégia de caracterização e segregação coloniais, seja pela obstrução do acesso aos direitos mais fundamentais, seja pela utilização e difusão de linguagens e discursos excludentes e subalternizadores. Spivak (2010) nos lembra que a outremização apresenta-se como processo pelo qual o discurso imperial fabrica o outro como subalternizado – termo também utilizado por Toni Morrison (2019), para tratar da dominação colonial. Nesse sentido, as produções literárias canônicas, bem como outras produções artísticas e culturais, nas quais a voz preponderante é a do falo, são também promotoras de outremizações e subalternias.

Assim, o Nordeste, esse invento do/a serviço do poder fonofalocêntrico, por muito tempo foi concebido como “o outro” (Spivak, 2010) dos detentores do poder político, econômico e cultural; como também o Nordeste foi/é o outro subalternizado nessa engrenagem sociocultural e política, ainda colonial, que opera pela degradação das existências diversas. O fonofalocentrismo (Derrida, 2017), portanto, constitui-se como a valorização da presença e voz masculina como expressões da verdade. E esse poder, centrado no falo, interpela não só a determinação de papéis sociais desiguais, mas também atravessa processos comunicativos e produções culturais e literárias, por meio da regulação das vozes, dos temas e dos corpos que escrevem, determinando assim as forças binárias que originam as existências legitimadas ou silenciadas. Nessa perspectiva, as concepções de “cabra macho” e “mulher macho” são, também, derivações do poder fonofalocêntrico que exige o signo da macheza como condição de existência.

Esse poder fonofalocêntrico, cultuado pela metafísica ocidental e propagado pelas epistemologias eurocêtricas dominantes, abarca as relações de poder produzidas pela idealização do falo e do logos como únicas formas de se produzir e compreender as subjetividades e o pensamento moderno. Desse modo, as construções identitárias do sujeito nordestino, a partir do ideal de macheza, rebaixam as múltiplas potências dos corpos falantes (Preciado, 2014), em trânsito, reduzindo-os a um binarismo limitador, paradoxalmente atravessado pela masculinidade una e absoluta.

Além do mais, os impactos do fonofalocentrismo e sua relação com a imposição da heterossexualidade como regra, redesenhando relações de dominação e subalternias, Haddock-Lobo

(2016, p. 79) nos convida a refletir sobre as implicações que esse pensamento [cis]hétero[patriarcal] gera sobre o modo como nos relacionamos, produzimos saberes e subjetividades:

E é nesse sentido que o sistema sexo-gênero é radicalmente pensado, a fim de abalar o traço mais radical da metafísica: a heteronormatividade, ou seja, a norma que se cunha nos corpos a fim de torná-los homens ou mulheres, femininos ou masculinos, heterossexuais ou homossexuais, ativos ou passivos e assim por diante, tendo sempre como modelo de cunhagem a diferença sexual como modo de agir e de subjugar um corpo a outro.

Contra-pondo-se a esse lugar de subalternia e de performatividade da masculinidade compulsória, mulheres semiáridas têm inventado outras narrativas de si e dos espaços em que vivem, decapitando a macheza que lhes impuseram, enquanto mulheres nordestinas. Ao renegarem o lugar reduzido e amordaçador de “mulher macho”, elas trazem a potência dos seus corpos múltiplos e falantes para a escrita e, muito embora não reneguem a existência do falo, promovem tensões permanentes à sua voz dominante, abrindo crateras disruptivas nos calabouços da dominação masculina e ecoando suas vozes insubordinadas:

Nesse corpo-mundo em trânsito,
Talhado pela voz de poder,
Só o falo fala.
E de tanto dito fincado
À força,
Sangue
E
Secreção,
Para demarcação de outros corpos
– Em dominação –
Só o falo fala².

Por meio dessas escritas evidencia-se que já não é mais somente o falo que fala, enquanto domina outras vozes e existências; são outros corpos que também dizem, outras vozes construindo linguagens e produções culturais desprendidas da dominação, nas quais as pluralidades e dissidências rebrotam mais fortemente, a fim de construir representações não hegemônicas. No excerto que segue, Ádila Madança (2021, p. 96) reconhece o poder regulador do veio daninho da masculinidade que lhe atravessa a existência e, por saber bem dos seus efeitos, decide por decepá-lo em definitivo:

Então, eu tô aqui com este machado para aprender a cortar
O galho paterno e grosso do meu DNA.
Esse que me faz calar, não agir, não ousar
E gostar de sofrer sem expressar o chorar.
Mas eu enxertarei o galho da vó em mim!
O resto da minha seiva
Eu vou purificar.
Já não me apetece receber sem dar...

² Trata-se de trecho de poema inédito, escrito em 2022, que integra um conjunto de anotações pessoais de Pók Ribeiro.

Com efeito, o que Madança (2021) nos apresenta como resistência ao constructo de masculinidade hegemônica, imposta aos sujeitos que vivem no Nordeste como única possibilidade de existência, compõe um novo tempo de insurgências contra as dominações, inclusive aquelas que se colocam de modo camuflado. Faz-se importante destacar que a ideia de masculinidade hegemônica, como um modelo fixo, não abarca a pluralidade de masculinidades existentes, sobretudo aquelas que ainda sofrem os recortes de classe, sexualidade e raça. Logo, essa perspectiva hegemônica de construção do masculino viola a existência de mulheres, e também de homens, que não se limitam à dicotomização de sexo e gênero (Connel; Messerschmidt, 2013), nem se reduzem às demarcações da cisheteronormatividade.

Como demonstrado anteriormente, tanto a Literatura contemporânea, sobretudo as produções poéticas dissidentes, como o cinema nacional, especialmente as produções cinematográficas pernambucanas, apresentam um foco sociopolítico bastante patente, buscando retratar questões sociais complexas, ao mesmo tempo em que as singularidades dos sujeitos nordestinos retratados, e dos territórios em que vivem, são respeitadas em sua pluralidade. Nessas produções, questões raciais, étnicas, territoriais, de sexualidade e gênero, econômicas e até religiosas, são abordadas sempre numa perspectiva plural de valorização das experiências dissidentes que extrapolem as regulações hegemônicas.

Por fim, esse movimento contrário ao [cis]tema falocêntrico, no qual a heterossexualidade impera, toma o corpo livre, escrito, em resistência às categorizações e binarismos que anulam as suas potências. Aqui, adotamos como inspiração a ideia-corpo não naturalizado e desdomado, apresentada por Paul Preciado (2014, p. 26):

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos órgãos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais.

Desse modo, assim como não há corpo marcado a ferro pelo código binário da heterossexualidade, desde sua concepção ou nascimento, não deve haver conformismo e reprodução de comportamentos e discursos reducionistas, fortemente estereotipados, que animalizem e rebaixem os sujeitos à condição de “cabra macho” e “mulher macho”, como se fossem produtos biológicos desprovidos de vontades, desejos e potências criadoras, ao dispor das dominações e escárnios. Dito de outro modo, a expressão “marcado a ferro”, aqui, faz referência ao processo de dominação que reside na prática perversa bastante comum de marcação do gado com ferro quente, de modo a aplicar, em seu corpo, as iniciais do dono, num evidente ritual cruel de dominação e violação dos corpos. Lamentavelmente, pessoas negras escravizadas tinham não só corpos violados, marcados a ferro pelos senhores escravocratas, mas também sua dignidade destruída.

“Deu fim!”: apanhados contínuos

Transitar de modo provocativo por entre conceitos e construções identitárias massivamente repetidas como representativas de um lugar e seu povo, de modo que povoam há séculos o imaginário popular, é também dispor-se ao olhar crítico e descortinado das narrativas, discursos imagéticos e referências que nos constroem. Desse modo, revisitar os conceitos de “cabra macho” e “mulher macho”, numa perspectiva de rasura e ampliação, que coloca em análise suas implicações sociais, políticas e culturais é, em dada maneira, uma ressignificação do nosso olhar sobre o lugar em que vivemos, seu povo e as relações de poder nele/dele estabelecidas, mas sobretudo uma revisão das representações epistemológicas, artísticas e literárias dos sujeitos nordestinos, a partir de uma perspectiva plural de acolhimento das subjetividades.

A partir das reflexões e análises aqui costuradas, evidencia-se que estas denominações, supostamente enaltecedoras do vigor e bravura dos sujeitos nordestinos, enquanto povo que resiste às intempéries climáticas e às injúrias constantes, tratam-se de armadilhas conceituais inventadas para reduzir o nordestino a uma masculinidade hegemônica e animalização. Isso reforça, além de estereótipos e representações distorcidas e limitadas, preconceitos contínuos que recaem sobre o Nordeste e seu povo, propagados a partir dos discursos, produtos e posturas daqueles/as que carregam orgulhosamente a marca da colonialidade.

Revisar e ressignificar essas imagens e discursos estereotipados que colocam nordestinas e nordestinos em um lugar de rudeza e brutalidade e que leva, facilmente, a um processo de desumanização, comumente praticado nas relações de subalternia, é tarefa fundamental. Para isso, é preciso, cada vez mais, não só permitir que os corpos plurais falem, sintam, provoquem[-se] em gastura, gozo e criação, livres de qualquer marcador de gênero que lhe reduza a potência e fluidez, mas também que sejam escutados e apreciados em suas complexidades. Rejeitar essa macheza inventada para as pessoas nordestinas é também recusar as dominações, violências e silenciamentos que ainda recaem sobre esse lugar inventado.

Fonte

ABRAHÃO, Benjamin. *Maria Bonita e Lampião na caatinga*. 1937. Fotografia. Disponível em: <https://encurtador.com.br/muxA>. Acesso em: 15 fev. 2026.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Recife: Vitrine Filmes, 2019.

BOI NEON. Direção: Gabriel Mascaro. [s. l.]: Imovision, 2015.

JUCÁ, Victor. Silvero Pereira como Lunga em Bacurau, de Kleber Mendonça Filho. Fotografia. In: BENTES, Ivana. Bacurau e a síntese do Brasil brutal. *Revista Cult*, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/eddr>. Acesso em: 15 fev. 2026.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino*. São Paulo: Intermeios, 2013.

BOLA, JJ. *Seja homem: a masculinidade desmascarada*. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FECHINE, Dani; ALMEIDA, Diogo. Paraíba masculina? Mulher “forte” sim, senhor: cantoras falam sobre canção de Luiz Gonzaga. *G1 Paraíba*, 08 mar. 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kyVI>. Acesso em: 20 jan. 2026.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. São Paulo: Vozes, 1999.
- GONZAGA, Luiz; TEXEIRA, Humberto. *Paraíba*. [s. l.]: Letras, 20-- [1952]. Disponível em: <https://encurtador.com.br/VcDH> Acesso em: 16 fev. 2026.
- HADDOCK-LOBO, Rafael. Preciado e o pensamento da contrassexualidade. *Revista Trágica*, v. 9, n. 2, p. 77-92, 2016.
- KATZ, Jonathan. *A invenção da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- MADANÇA, Ádila. LiterÁrida. In: MADANÇA, Ádila; RIBEIRO, Erika Jane; LUISA, Vitória (Org.). *LiterÁridas*. São Paulo: Editora Brilho Coletivo, 2021, p. 94-97.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NEGREIROS, Adriana. *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- PAIVA, Carla Conceição da Silva. *Mulheres nordestinas, sujeitos ou objetos? Análise da representação feminina em quatro filmes brasileiros da década de oitenta*. 317f. Doutorado em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 edições, 2014.
- RODRIGUES, Heitor. *Pirilampos da Caatinga*. Salvador: P55 Edição, 2021.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TRIANA, Sayak Valencia. Teoría transfeminista para el análisis de la violencia machista y la reconstrucción no-violenta del tejido social en el México contemporáneo. *Universitas Humanística*, n. 78, p. 65-88, 2014.
- WITTIG, Monique. *O pensamento homossexual e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.